

# MENINA CIÊNCIA – CIÊNCIA MENINA: INVESTIGANDO AS MOTIVAÇÕES E POTENCIALIDADES DAS MULHERES CIENTISTAS PALESTRANTES

Mariana da Costa Peres <sup>1</sup>  
Maria Inês Ribas Rodrigues <sup>2</sup>

## RESUMO

São muitos os obstáculos enfrentados pelas mulheres para assumir cargos das áreas de STEM (Science, Technology, Engineering and Math). Elas representam apenas 28,8% dos pesquisadores acadêmicos do mundo. Além disso, algumas profissões ainda são vistas como exclusivamente para homens, o que reduz a busca feminina por graduações e especializações em cursos de ciências exatas, por exemplo. Para ampliar a representatividade feminina na ciência, o projeto Menina Ciência - Ciência Menina (MCCM), da Universidade Federal do ABC, promove encontros e atividades para meninas dos anos finais do ensino fundamental, aproximando-as da ciência e lhes apresentando as trajetórias de mulheres cientistas de sucesso. O projeto é organizado por uma equipe de mulheres cientistas, com o apoio de monitoras da graduação e pós-graduação e palestrantes de diferentes áreas. O papel de ampliar a representatividade feminina nessa área científica reverbera através das atividades do projeto e nas ações das palestrantes, principalmente, já que são colocadas frente a frente com as meninas, contando sobre sua trajetória na ciência, além de suas responsabilidades do contexto familiar. Com esse pressuposto, o objetivo desse trabalho é compreender se o projeto MCCM é capaz de ampliar a representatividade da mulher na área STEM sob a perspectiva das mulheres palestrantes. Sob metodologia qualitativa de análise, foram realizadas entrevistas semiestruturadas remotas com as palestrantes para levantar informações sobre suas vivências, referências e experiências, bem como investigar os desafios da questão de gênero vivenciados por elas no âmbito profissional e a percepção das mesmas sobre o impacto do projeto na vida de futuras profissionais. Os relatos obtidos serão transcritos e interpretados a partir da análise textual discursiva e como resultado, espera-se entender as motivações dessas cientistas para colaborar com o projeto e suas crenças no caráter inovador e incentivador de propostas dessa natureza, além das influências que podem causar nas meninas participantes.

**Palavras-chave:** Mulheres na ciência, Menina Ciência - Ciência Menina, Profissão, Gênero na ciência, STEM.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal do ABC - UFABC, [mariana.peres@aluno.ufabc.edu.br](mailto:mariana.peres@aluno.ufabc.edu.br);

<sup>2</sup> Professora Orientadora: Centro de Ciências Naturais e Humanas - Ensino de física - Universidade Federal do ABC - UFABC, [mariaines.ribas@ufabc.edu.br](mailto:mariaines.ribas@ufabc.edu.br).

## INTRODUÇÃO

A disparidade de gênero pode ser definida como o desequilíbrio entre o acesso, permanência e participação de homens e mulheres em diversas áreas como a saúde, a educação, a política e a ciência e tecnologia. De acordo com o *Global Gender Gap Report 2023*, pesquisa do Fórum Econômico Mundial, o Brasil encontra-se na 57ª posição no ranking de paridade de gênero. Globalmente, o índice de paridade melhorou apenas 0,3% no último ano e ainda é estimado que, nesse ritmo, essa disparidade só será totalmente superada no ano de 2154 (FEM, 2023).

Outra pesquisa do gênero, a *Gender in the Global Research Landscape 2017*, da editora Elsevier, indica ainda que, no meio científico, esse problema se acentua em determinadas áreas, como as ciências exatas e suas tecnologias e a engenharia, em que o número de mulheres é muito menor em relação aos homens. Além disso, esse número diminui ainda mais conforme o nível de ascensão profissional aumenta, ou seja, quanto mais importantes e reconhecidos os cargos dentro de uma área, menos mulheres são encontradas ocupando esses cargos, fenômeno comumente chamado de segregação vertical. (ELSEVIER, 2017). Enquanto isso, as mulheres são maioria em profissões que demandam cuidado, como a saúde e a educação, geralmente atribuídas ao gênero feminino por demandarem habilidades que são esperadas das mulheres desde a infância, como dedicação, carinho e paciência, estruturalmente consideradas como tendências inatas, vocações das mulheres (BRUSCHINI; AMADO, 1998). Além disso, pesquisas indicam que as profissões ocupadas majoritariamente por mulheres são menos valorizadas que as demais:

É importante ressaltar as diferenças de status dessas profissões, determinadas pela sociedade. A partir do momento que a mulher entra no mercado de trabalho, a profissão (qualquer que seja) ocupada por elas passa a ser desvalorizada em comparação àquela ocupada exclusivamente pelos homens. Justifica-se, assim, a desvalorização do magistério, ocupação considerada do gênero feminino e executada por mulheres; especialmente quando é voltada para a educação de crianças menores. Na educação, também persiste a tendência de diferenciação entre os Papéis de Gênero nos Livros Didáticos de Ciências homens e mulheres nas trajetórias escolares; os homens dirigindo-se às áreas das ciências exatas e engenharias e as mulheres às ciências humanas, letras e artes. (MARTINS & HOFFMAN, 2007, p. 142-143)

Buscando lutar contra esses estereótipos e os problemas associados a eles, o projeto de extensão Menina Ciência - Ciência Menina (MCCM), idealizado pela professora e doutora Maria Inês Ribas Rodrigues, da Universidade Federal do ABC (UFABC), oferece palestras ministradas por mulheres cientistas brasileiras para meninas dos anos finais do ensino

fundamental de todo o Brasil. Atualmente em sua 5ª edição, o MCCM propõe ainda rodas de conversa com as palestrantes, experimentos práticos que podem ser realizados em casa pelas participantes e até mesmo um mini simpósio, onde as meninas falam sobre suas vivências durante o projeto e apresentam os resultados dos seus experimentos. O projeto conta com monitoras voluntárias, graduandas de diferentes universidades brasileiras, além de ser organizado por pesquisadoras, cientistas e professoras. A partir da pandemia de COVID-19, as atividades do MCCM passaram a ser realizadas em modelo remoto (online) e, conseqüentemente, atingem meninas de diferentes regiões do país.

Os principais objetivos do projeto são aproximar as meninas das áreas STEM (Science, Technology, Engineering and Math), através da apresentação de histórias reais de mulheres cientistas de diversas áreas do conhecimento, mostrando que a ciência é para todos, desmistificando os estereótipos de gênero e atuando contra a disparidade de gênero que persiste nessa área.

Para avaliar os impactos do projeto para a sociedade e para as meninas atendidas por ele desde a primeira edição, o grupo de pesquisa Mulheres na Ciência, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Ensino e História das Ciências e da Matemática (PEHCM) da Universidade Federal do ABC realiza uma série de estudos envolvendo as meninas, as palestrantes, os conteúdos e as mudanças de visão sobre ciências e cientista provocadas pelas atividades do MCCM, a fim de compreender se o projeto é, de fato, efetivo em seus objetivos e avaliar possíveis mudanças ou melhorias para as edições seguintes. Essa pesquisa é parte do trabalho deste grupo de pesquisa e visa avaliar o projeto na visão das palestrantes, identificando suas experiências, opiniões e motivações para colaborar com o projeto.

## **METODOLOGIA**

Para a coleta dos dados da pesquisa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas remotas através da plataforma Google Meet. As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos, foram gravadas com o auxílio da versão gratuita do software Wondershare Filmora e transcritas para análise. Todas as palestrantes de todas as edições do projeto foram convidadas via email para a participação na pesquisa e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) já avaliado e aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal do ABC (CAAE nº 67975123.8.0000.5594), cujo preenchimento é obrigatório para a realização da entrevista. Quatro palestrantes aceitaram o convite e demonstraram interesse e disponibilidade para colaborar com a pesquisa e foram entrevistadas em datas e horários combinados de acordo com suas demandas individuais.

As entrevistadas responderam perguntas sobre diversos temas relativos à escolha de suas profissões, à influência do gênero em suas trajetórias e às suas perspectivas em relação ao projeto Menina Ciência - Ciência Menina (MCCM) e seus impactos na vida das meninas atendidas por ele. Uma vez que as entrevistas são longas e geram uma grande quantidade de discursos sobre diferentes aspectos relacionados ao tema principal, nesse artigo, manteve-se o foco nas falas das palestrantes que remetem aos desafios atribuídos ao gênero vivenciados por elas em suas carreiras e às suas impressões sobre as potencialidades do projeto.

A escolha pela entrevista semi-estruturada se deu pela necessidade de coletar o máximo de informações possíveis, sem que houvesse perguntas fechadas e pré-estabelecidas. Desse modo, a entrevista acontece como uma conversa que parte de algumas questões norteadoras, mas permite que a entrevistada se expresse com autonomia e pontue os aspectos que acredita serem importantes e relevantes para a pesquisa, sem tantas interferências do entrevistador. Oliveira *et.al* definem as diferenças, por exemplo, entre a entrevista e os questionários, ressaltando justamente a possibilidade de coletar um maior número de informações por meio da entrevista.

“(…) é importante não confundir a entrevista com a aplicação de um questionário, outra técnica de largo emprego nas ciências sociais, visto que são instrumentos distintos. Enquanto os questionários são meios para coleta de dados constituídos por uma série de questões que precisam ser respondidas por escrito, as entrevistas se caracterizam pela exposição oral. Evidentemente, a escolha de um instrumento ou do outro depende dos objetivos da pesquisa e das especificidades da própria investigação, mas quando comparadas com os questionários, as entrevistas apresentam algumas vantagens: não exigem que o participante saiba ler e escrever; possibilitam a obtenção de maior número de respostas; a análise das expressões corporais do entrevistado; o esclarecimento de detalhes das perguntas e a adequação às circunstâncias nas quais se desenvolve”. (OLIVEIRA *et. al.* 2023, p. 218)

A interpretação dos relatos e opiniões das entrevistadas foi realizada utilizando-se como ferramenta a análise do discurso, que consiste em avaliar aquilo que é dito pelos sujeitos e identificar seus sentidos e significados a partir do contexto em que se inserem e das influências que os originaram.

Ao analisar um discurso mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual, não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas sim nos deparamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem. (FISCHER, 2001, p. 207).

Sendo assim, é válido e importante ressaltar que, ao analisar os discursos de cada cientista palestrante, analisou-se também as condições do sujeito enunciador, ou seja, suas vivências, particularidades e pontos de vista, a fim de compreender o que originou cada

opinião e perspectiva, bem como quais podem ser os seus impactos para a sociedade ou, mais especificamente, para as meninas que entram em contato com esses discursos durante a participação no projeto de extensão.

Para fins de análise, algumas falas das entrevistadas foram selecionadas e organizadas de acordo com suas semelhanças, em torno de duas categorias principais: *Ser mulher e ser cientista e Impactos e importância do projeto*.

## **OBJETIVOS**

Essa pesquisa tem como objetivo principal analisar os relatos das mulheres cientistas palestrantes do projeto Menina Ciência - Ciência Menina sobre as influências do gênero na carreira científica e os impactos do MCCM para a sociedade e para as meninas participantes.

Secundariamente, busca-se identificar como foi a experiência das palestrantes durante a atuação como colaboradoras do projeto, para compreender se elas acreditam, de fato, no potencial do mesmo para aproximar as meninas da ciência e diminuir a desigualdade entre os gêneros existentes. Essas informações são importantes para verificar a satisfação das palestrantes com o formato, os objetivos e as atividades propostas pelo projeto de extensão, além de refletir sobre possíveis mudanças para as próximas edições, a fim de aprimorá-lo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A trajetória das mulheres na ciência é marcada por uma série de estereótipos relativos ao gênero que dificultam o acesso da mulher ao mercado de trabalho, à área acadêmica e a cargos importantes. Esses estereótipos de gênero se fazem presentes e influentes desde a infância, nas escolas, onde faltam, nos conteúdos, atividades e discussões, referências e exemplos femininos que mostrem para as meninas que elas também são capazes e que também há lugar para elas nas ciências (MAS; ALONSO, 2020). Além disso, ser cientista exige compromissos com a pesquisa e a carreira que demandam disponibilidade de tempo para se dedicar ao trabalho e às produções acadêmicas (SILVA;RIBEIRO, 2014).

Na carreira acadêmica, ser mulher também representa uma série de obstáculos para o desenvolvimento profissional, o reconhecimento na área e até mesmo para o recebimento de bolsas de pesquisa e produtividade. Os critérios para o recebimento dos benefícios parecem justos e igualitários mas, ao avaliar as bolsas concedidas, é possível observar que os homens são maioria, mesmo em áreas com grande número de mulheres pesquisadoras, principalmente nos níveis mais altos de produtividade, indicando uma sub-representação feminina nessas

áreas (OLIVEIRA et. al, 2021). Pesquisas sobre o tema realizadas em anos diferentes confirmam esses dados, demonstrando que, ao longo do tempo, essa desigualdade persiste:

Embora os critérios para a obtenção da bolsa produtividade sejam claros e a concessão, baseada em uma análise comparativa dos pares, um olhar mais atento na distribuição de bolsistas evidencia um desequilíbrio entre mulheres e homens bolsistas PQ. Os homens predominam em todos os níveis de bolsa, sendo maior a diferença à medida que ocorrem as mudanças de níveis na carreira e aumenta o prestígio do pesquisador. (BARROS; SILVA, 2019, p. 70)

Pensando nessas desigualdades e em formas de aumentar o número de mulheres nas ciências, principalmente nas áreas mais afetadas pela disparidade, diversos projetos semelhantes ao MCCM vêm sendo realizados ao redor do país. Pesquisas dessa natureza demonstram que esses projetos são efetivos em promover a valorização das mulheres de forma humanizada e em discutir e lutar contra a desigualdade de gênero, mesmo com todas as dificuldades existentes e persistentes (SOARES *et al.*, 2022). As meninas atendidas por iniciativas como essas experimentam ainda um aumento da autoestima, contato com o ensino superior e adquirem novos conhecimentos sobre a história das produções científicas femininas ao longo da história (BRANDÃO et al., 2020).

Na análise dos discursos das entrevistas nesta pesquisa, portanto, buscou-se identificar essas dificuldades e obstáculos relativos ao gênero na carreira científica apontadas pela literatura, bem como sinais dos impactos positivos do projeto na vida das participantes, como demonstram outras experiências.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Ser mulher e Ser cientista:

Quando questionadas sobre os desafios impostos a elas devido ao gênero, as entrevistadas relatam experiências pessoais que exemplificam como as mulheres precisam se esforçar mais que os homens para alcançar os mesmos espaços e resultados. A entrevistada 4 (E4) comenta sobre a época em que trabalhou no ambiente corporativo e a diferença de tratamento dos superiores com homens e mulheres.

“Olha, o fato de ser mulher impactou tanto na época que eu trabalhava no ambiente corporativo. Eu trabalhava com análise financeira num banco grande, comercial e nessa área nós éramos assim, físicos, estatísticos, matemáticos, engenheiros. Nós trabalhávamos com modelagem financeira, modelagem matemática de produtos financeiros. Então havia aquele machismo estrutural normalmente, ali nas estruturas. Particularmente, na minha área, nós tínhamos duas mulheres que foram promovidas, que se destacavam junto com outros dois ou três homens mais no dia a dia. Tanto com relação a alguns colegas como com relação a alguns chefes. A gente percebia uma diferença muito grande de tratamento entre homens e mulheres.” (E4)

A E2, por sua vez, inicia sua resposta negando que ser mulher seja um problema na sua área profissional pois, segundo ela, “nós temos muitas epidemiologistas”. Entretanto, logo em seguida, assume que devido à maternidade e às responsabilidades atribuídas às mulheres como o cuidado da casa e dos filhos, elas têm menos tempo para trabalhos de campo.

“Na minha área ser mulher não é um problema. Não sei se dá para entender, nós temos muitas epidemiologistas. A diferença é que como a gente faz muito trabalho de campo, de repente se a mulher escolhe ter filhos e casar, aí isso pode ser alguma coisa que não fique muito conexas, porque você precisa viajar, você precisa ficar às vezes no campo 15, 20 dias ou às vezes vai para o campo e não sabe quando vai voltar. Então, nesse sentido, ser mulher é um pouco mais... para executar a carreira, mas não para começar, entendeu?”. (E2)

As entrevistadas também citam a produtividade como fator essencial para o sucesso na área científica e acadêmica, e entendem que a mulher produz menos por se ocupar com outras responsabilidades, enquanto os homens possuem horários de trabalho mais flexíveis, mais tempo para pesquisar e escrever e, conseqüentemente, mais sucesso acadêmico e reconhecimento de suas produções.

“(…) [no mundo acadêmico] é tudo considerado a partir da sua produtividade, que significa número de artigos publicados em boas revistas, livros publicados, orientações defendidas. Então, é muito numérico. E a mulher, pelo fato dela engravidar, tirar licença maternidade, amamentar, ficar com os filhos pequenos, por mais que você tenha um marido ou um pai das crianças, ou alguém, uma rede de apoio que te ajude, por mais que você tenha isso, a sobrecarga na mulher é sempre maior. Em 99% dos casos. Isso tem um impacto na carreira, porque você não consegue, naquele período, fazer todas as publicações necessárias”. (E4)

“Realmente, você tem que fazer muito mais para chegar no ponto onde o homem já está muito mais facilmente e simplesmente porque ele tem tempo né? Então eu às 5:30h eu tenho que parar meu dia porque eu preciso buscar as crianças na escola, enquanto meus colegas se quiserem, puderem, podem ficar até às 10 da noite escrevendo um projeto. Então eles têm simplesmente mais tempo para se dedicar a carreira deles e aí eles publicam mais, publicando mais ganham mais projetos, ganhando mais projetos ascendem mais na carreira e o que a gente vê é esse efeito tesoura que existe de que as meninas e os meninos entram numa proporção parecida na graduação e que ao longo da carreira as mulheres vão ficando enquanto os homens vão ascendendo”. (E3)

Essas falas vão de encontro com os dados da literatura sobre as bolsas de produtividade e o sucesso acadêmico (OLIVEIRA et al, 2021; BARROS; SILVA, 2019).

Impactos e importância do projeto:

Quando questionadas sobre os impactos das suas palestras e do projeto MCCM como um todo na vida das meninas participantes, as entrevistadas ressaltam a importância do projeto na aproximação das meninas da universidade, principalmente das instituições públicas de ensino. Elas entendem que essas meninas, muitas vezes, desconhecem as universidades ou não sabem que é possível frequentá-las ou ser parte delas.

“Isso é incrível, espaços que posso frequentar como mulher, que tipo de carreira eu posso ter, o que é universidade né, a gente que acha que se formar é fazer o colegial

e só, nem imagina que poderia fazer uma faculdade, uma universidade né, não sabe nem onde é, muitas vezes mesmo passando na porta da universidade todo dia as pessoas não sabem o que é, não sabe que pode entrar. Então eu acho que sim, eu acho que é uma abertura mesmo do espaço para as pessoas se apropriarem dele”. (E1)

“(…) Então às vezes iniciativas como essa podem ter a possibilidade de mostrar para algumas delas que elas podem entrar numa universidade pública se elas quiserem, que existe universidade pública, porque a grande maioria dos estudantes nem sabe que você pode estudar sem pagar.” (E3)

Além disso, em suas falas, reconhecem a importância da utilização de exemplos femininos reais na história das ciências como referências para as meninas, defendido por Mas e Alonso, 2020, de modo que estas se enxerguem como parte da história e vejam as ciências como uma possibilidade de futuro.

“Eu já trabalhei o primeiro ano na organização, já fui palestrante várias vezes. Quando o projeto ficou online, eu permaneci como palestrante e eu acho que faz diferença sim na vida dessas meninas. E eu acho que desperta o interesse pela ciência, valoriza a conquista, as conquistas, porque são muitas cientistas ali, de várias áreas diferentes, né, mostrando o quanto amam o que fazem e o quanto são competentes e reconhecidas. São todas pessoas assim, de representatividade nas suas respectivas áreas. Então, eu acho que o projeto tem uma influência bastante positiva nessas meninas”. (E4)

Por fim, faz sentido considerar uma fala em específico, da entrevistada 2 (E2), que chama a atenção para a necessidade de divulgação de projetos dessa natureza nas escolas e pontua ainda que a tecnologia pode ser uma aliada nessa missão. Quanto mais meninas forem alcançadas por iniciativas dessa natureza, maior é a esperança que se pode ter de que a disparidade de gênero nas ciências diminua ainda mais nos próximos anos.

“(…) Como existem muitos projetos como o projeto Menina Ciência, se a gente pensar, uma menina que talvez não tivesse essa oportunidade por não conhecer o caminho, porque assim, a gente sabe que tem muita coisa, mas o que a gente não consegue é saber que tem e saber qual que é o caminho para chegar lá, para se inscrever, para participar e assim por diante. Então eu acho que hoje as meninas do Menina Ciência elas têm um pouco mais de facilidade de ter acesso a essa oportunidade, esse tipo de projeto, né? Isso está envolvido... pode ser explicado pela tecnologia, entendeu? Não sei, até pelas escolas também estarem mais empoderadas no sentido de estar divulgando projetos como esse”. (E2)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos discursos das entrevistadas, é possível notar que as palestrantes possuem posicionamentos e visões semelhantes em relação aos desafios enfrentados pelas mulheres na área científica e acadêmica. Elas assumem que o *ser mulher* representa uma série de obstáculos para o *ser cientista*, obstáculos estes que os homens não precisam superar, por terem mais tempo disponível, menos responsabilidades e mais reconhecimento em suas áreas profissionais.

Quanto às suas atuações como palestrantes no projeto Menina Ciência - Ciência Menina, todas demonstram experiências positivas e agradáveis como colaboradoras, ressaltando a importância do projeto para a aproximação das meninas não só do universo científico, mas também das instituições de ensino superior.

Com isso, é válido considerar que o projeto cumpre seu papel contra a disparidade de gênero nas ciências e é eficaz na apresentação do universo acadêmico para as meninas dos anos finais no ensino fundamental, tendo as palestrantes como exemplos femininos de sucesso em diferentes áreas da ciência e como parte de uma equipe engajada que acredita na divulgação científica e nos projetos de extensão como ferramentas eficazes para o fim das desigualdades e a inclusão.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora de Iniciação Científica Maria Inês Ribas Rodrigues, por ter me apresentado o universo dos estudos de gênero nas ciências, por confiar no meu trabalho e no meu potencial e sempre me incentivar na busca por novos desafios acadêmicos;

Aos meus pais, por me ensinarem que a educação é o caminho para o sucesso e por acreditarem nos meus sonhos, mesmo naqueles que parecem impossíveis;

Aos amigos e familiares que me acompanham nessa jornada diariamente e comemoram todas as minhas conquistas como se fossem a primeira;

À Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) e à Pró-reitoria de Pesquisa (PROPES) da Universidade Federal do ABC, pelo espaço para projetos de extensão como o MCCM na universidade e pelo financiamento da pesquisa.

## **REFERÊNCIAS**

AMOSSY, R.; ZAVAGLIA, A. O lugar da argumentação na Análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. *Filologia E Linguística Portuguesa*, (9), 121-146, 2007. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p121-146>

BARROS, S. MOURÃO, L. Desenvolvimento na carreira de bolsistas produtividade: uma análise de gênero. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 71, p. 68-83, maio 2019.

BRUSCHINI, M, C, A; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. Cadernos de Pesquisa, São Paulo , n. 64, p. 4-13, fev. 1988.

CHASSOT, A. A Ciência É Masculina? É, sim senhora!... Revista Contexto & Educação, [S. l.], v. 19, n. 71-72, p. 9–28, 2004. DOI: 10.21527/2179-1309.2004.71-72.9-28. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1130>.

ELSEVIER. Gender in the Global Research Landscape. 2017. Disponível em: <https://www.elsevier.com/research-intelligence/campaigns/gender-17> . Acesso em: 22 jan. 2019.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197–223, nov. 2001.

LIMA JUNIOR, P.; REZENDE, F.; OSTERMANN, F.. Diferenças de Gênero nas Preferências Disciplinares e Profissionais de Estudantes de Nível Médio: Relações Com A Educação em Ciências. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 13, n. 2, p. 119–134, mar. 2011.

MARTINS, E. DE F.; HOFFMANN, Z.. Os Papéis De Gênero Nos Livros Didáticos De Ciências. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 9, n. 1, p. 132–151, jan. 2007.

SILVA, F. F. DA .; RIBEIRO, P. R. C.. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". Ciência & Educação (Bauru), v. 20, n. 2, p. 449–466, 2014.

SOARES A, et. al. Projeto Meninas Na Ciência: Possibilidades E Desafios . I Congresso Internacional De Mulheres Em STEAM, [S. l.], v. 1, n. 1, 2023. DOI: 10.55592/ICIMESTEAM.2022.7145175.

World Economic Forum. Global gender gap report 2023. The World Economic Forum, 2021. Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/global-gender-gap-report-2021/>

OLIVEIRA, A. MELO, M. F. RODRIGUES, Q. B. PEQUENO, M. Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq, Configurações [Online], 27, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.11979>